



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
**Agência de
Comunicação
da UFSC**

23 de março de 2023

Floripa 350 & NDTV - Um abraço na cidade

“Empreendedorismo ganhou força com a chegada de açorianos”

Empreendedorismo ganhou força com a chegada de açorianos / Inovação / Neri dos Santos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Udesc / Universidade do Estado de Santa Catarina



Dias Velho foi pioneiro na tentativa de ocupar a Ilha há cerca de 350 anos. Depois, com os portugueses, os engenhos de farinha ganharam destaque e se tornaram o primeiro produto de exportação da cidade

Jéssica Schmidt
Especial para o ND

A Florianópolis de hoje passou por muitas transformações. Uma ilha, quase deserta lá em 1673, se transformou em um polo tecnológico e de empreendedorismo. Foram necessários pelo menos 100 anos, desde a fundação do município, para que a Ilha da Magia se desenvolvesse. O repórter Alexandre Mendonça conta um pouco dessa história de empreendedorismo e inovação na reportagem do projeto Floripa 350.

Durante muito tempo, algumas pessoas tentaram morar na Ilha, mas acabavam indo embora porque não havia meios para viver na cidade, principalmente pela falta de estrutura e comida. Mas o cenário mudou. Segundo o historiador Rodrigo Rosa, o empreendedorismo em Florianópolis teve início com Francisco Dias Velho, há 350 anos.

“Ele pede para ocupar a Ilha de Santa Catarina, que não estava ocupada efetivamente. Ele traz um grupo de pessoas com ele e constrói a Catedral Metropolitana, não essa que conhecemos hoje, e empreende aqui na Ilha”, conta.

A intenção de Dias Velho era ocupar a Ilha de Santa Catarina. O porto, a roça, atrair pessoas de outros lugares e o que fosse possível para desenvolver a cidade. Mas foi apenas em 1748 que o município começou realmente a se desenvolver, com a chegada dos açorianos.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Rosa destaca que os açorianos trouxeram duas tecnologias importantes para a Ilha: as tecnologias dos engenhos e dos moinhos de vento. “Os engenhos e os moinhos de vento são industriais, não é mais o artesanato puro, não é mais a produção manual. E a tecnologia do moinho de vento não prospera, mas os engenhos sim. Então, nós vamos ter centenas de engenhos de farinha espalhados pela Ilha de Santa Catarina”, afirma Rosa.

A farinha de mandioca se tornou o primeiro produto de exportação de Florianópolis. Uma série de fatores culminaram na valorização da farinha de mandioca e tornaram-na a primeira atividade econômica da Ilha.



Jornalista Alexandre Mendonça (à esq.) com o professor Neri dos Santos



Devalde de Souza está iniciando a construção de um engenho de farinha



Historiador Rodrigo Rosa explica a influência dos portugueses na cidade

Tradição ainda presente

No interior da Capital, é possível encontrar alguns engenhos de farinha que ainda funcionam e também quem deseja retomar essa forma de trabalho, como é o caso dos proprietários do Sítio Hortêncio, localizada no Sertão do Ribeirão, no Sul da Ilha.

O sítio de Devalde de Souza está na família há 200 anos. Ele conta que a região já teve 17 engenhos de cana e 21 engenhos de farinha, além de resquícios de engenhos

que podem ter existido há muito tempo.

A propriedade cultiva diversos produtos e acomoda animais para a produção de queijo, leite e ovos. Também possui estrutura de eventos, recebendo muitas pessoas no local.

O novo engenho que Souza quer construir já está em andamento. A filha, Karlota de Souza, revela que é um dos sonhos do pai. “Ele quer reviver o que ele foi criado no passado, que é fazer farinha”, declara.

Fortalecimento

A chegada de outros imigrantes, como os alemães e italianos, fortaleceu o empreendedorismo na Capital. A família Hoepcke foi uma das pioneiras.

Em 1883, foi construída a primeira sede do Grupo Hoepcke, na rua Conselheiro Mafra, na esquina com a Deodoro, no Centro. O diretor do grupo, Guilherme Grillo, detalha que naquele tempo o grupo atuava na exportação e importação de ferragens e tecidos.

“É uma empresa que tem 140 anos e tem que se reinventar. O Hoepcke já fez de tudo na vida e pouca gente sabe que Florianópolis nas décadas de 30, 40, 50 do século passado foi um polo industrial e ele teve uma grande participação”, relata Grillo.

Conhecimento e futuro

De acordo com o professor Neri dos Santos, curador de inovação do projeto Floripa 350, o conhecimento foi determinante para que Florianópolis se tornasse um polo de empreendedorismo.

“O conhecimento é o fator de produção que mudou a nossa realidade, primeiro com os habitantes nativos, os índios carijós e depois com a chegada dos primeiros imigrantes portugueses. E na sequência nós vamos vendo o desenvolvimento da ciência e da tecnologia com a chegada da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) e das outras universidades, criando esse ambiente promotor de inovação”, ressalta.

Capa e Floripa 350 & NDTV - Um abraço na cidade

“De água ou de peixe, pirão é o alimento da vida do manezinho”

De água ou de peixe, pirão é o alimento da vida do manezinho / Aldo Correa de Souza / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

■ Pirão, o mais antigo prato de Florianópolis
PÁGINA 16



16 quinta-feira, 23 de março de 2023

Editora: **Marcela Ximenes** - marcela.ximenes@ndmais.com.br

ND

De água ou de peixe, pirão é o alimento da vida do manezinho

Ex-pescador e ex-bombeiro, Aldo Correa de Souza, de 82 anos, sempre manteve a tradição ilhoa preservada nas refeições; para ele não há nada melhor do que a mistura feita com farinha de mandioca

Ana Schoeller
ana.pereira@ndmais.com.br

Com anchova, tainha, robalo ou garoupa e o que mais tivesse na rede, Aldo Correa de Souza, de 82 anos, aprendeu a comer pirão de peixe. A iguaria, possivelmente o mais antigo prato de Florianópolis, está presente no dia a dia do manezinho, morador da Armação do Pântano do Sul, desde criança. Seu Aldo, como é conhecido, começou a pescar com sete anos para ajudar o pai. E a farinha do pirão vinha da mandioca plantada pelos pescadores que Aldo ajudava a colher.

Ao redor do prato típico da culinária da Capital, o ex-pescador e ex-bombeiro viveu muitas histórias. “A história mais emocionante para mim foi quando eu, meus pais e meus três irmãos estávamos comendo um pirão em volta da mesa. Conversa vai, conversa vem e meu pai pergunta para minha mãe: ‘O que vai ser deles quando a gente partir? Como eles vão se criar’. E ela respondeu: ‘Deus ajuda’. E ajudou mesmo. Nós criamos, e hoje um pescador só com a 4ª série tem os filhos formados na Universidade Federal”, conta.

Ao contar que dos quatro filhos três se formaram na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), seu Aldo chora emocionado. Com olhos vermelhos relembra outra história. A de que trabalhou 30 anos como bombeiro sem nunca tirar folga. “Nunca tirei férias. Quando tinha férias eu me revezava com o trabalho de pescador. Eu queria mesmo era ajudar a criar meus filhos e dar estudo para eles. Queria que eles estudassem tudo que eu não estudei”,

Peixes de quase 30 quilos

Num álbum de fotografia, seu Aldo se exhibe ao lado do irmão e de um dos filhos com duas garoupas que, segundo ele, tinham 29 kg cada. “Encontrei esses peixes na ‘Ponta do Facão’ mais virado para a praia da Lagoinha do Leste”, fala. Há fotos com a esposa, Norma



Pirão de peixe é o preferido do ex-pescador, mas se tiver apenas o de água, ele não dispensa

fala com a voz embargada.

Seu Aldo comeu pirão de peixe em todas as fases marcantes de sua vida. Ao ser pescador, o manezinho, nascido e criado no Sul da Ilha, levava os pescados para casa e comia com pirão de peixe ou pirão d’água ou de feijão.

“Temos que lembrar que há diversos tipos de pirão. Eu, por exemplo, gosto com mais caldinho, mas tem gente que come mais seco. Mas é algo muito bom. Tem quem coloque arroz, eu nunca coloco, gosto assim mesmo”, conta enquanto prepara o pirão. “Eu amo comer isso. Não tem coisa melhor, sabes?”



Foto comprova que as garoupas eram realmente grandes



Aldo conta algumas histórias do tempo de pescador

Viagem de meses era sustentada com mandioca

De acordo com o historiador Rodrigo Rosa, da Fundação Catarinense de Cultura, quando Dias Velho se deslocava de São Vicente para a Ilha de Santa Catarina, no século 17, fazia uma viagem que durava meses.

“Então, a mandioca que era plantada no caminho de ida e colhida na volta garantia o sustento dos grupos que o acompanhavam até a Ilha de Santa Catarina para a captura dos povos originários. Quando os açorianos são trazidos para a ocupação na metade do século 18, os poucos habitantes da Ilha já dominavam técnicas de produção de farinha que foram aprendidas com os povos originários que aqui habitavam”, conta.

“Diante da escassez de outros alimentos e da dificuldade em diversificar a mesa, os produtos mais acessíveis, que eram a farinha e o pescado, tornaram-se a combinação mais comum das refeições dos moradores da Ilha de Santa Catarina”, explica o historiador.

Para ele, esses motivos colaboraram para que os açorianos rapidamente incorporassem o hábito do consumo da farinha de mandioca introduzindo-a na manufatura da tecnologia trazida por eles, a dos engenhos, nascendo daí a produção de uma das farinhas mais conhecidas do Brasil durante a segunda metade do século 18, todo o século 19 e boa parte do século 20, a farinha da Ilha de Santa Catarina.

Junto ao consumo da farinha os habitantes trazidos dos Açores e seus descendentes também incorporaram a prática da pesca, igualmente desenvolvendo técnicas de conservação, umas já trazidas da Europa e outras aprendidas na Ilha.

Floripa 350 & NDTV - Um abraço na cidade

“Manezinha da atualidade gosta de Carnaval, benzimento e imersão na cultura popular”

Manezinha da atualidade gosta de Carnaval, benzimento e imersão na cultura popular / Nereu do Valle Pereira / Francisco do Valle Pereira / Maria Eduarda do Valle Pereira / Doutoranda em Ciência de Alimentos / Cristina Scheibe Wolff / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



Maria Eduarda e João Farias trabalham em home office, para alegria da cachorrinha Panda, e se mudaram para o Norte da Ilha

Manezinha da atualidade gosta de Carnaval, benzimento e imersão na cultura popular

Maria Eduarda do Valle Pereira, de 32 anos, revela proximidade com a memória de Florianópolis e cultiva os costumes da Ilha, além de novas tradições

Maria Fernanda Salinet
maria.salinet@ndmais.com.br

Quem pensa que a nova geração não pode incorporar as tradições sem perder sua própria identidade vai se surpreender com a manezinha Maria Eduarda do Valle Pereira, de 32 anos. A doutoranda em ciência de alimentos cultiva hábitos do pai e do avô, com quem aprendeu a admirar a história de Florianópolis, e ao mesmo tempo traça seu caminho na Ilha de Santa Catarina. A nativa conta que gosta de passear pelas praias, conhecer os casarios de arquitetura colonial luso-brasileira, comer um pastel de berbigão e escutar um bom samba. Para ela, “ser manezinha é vivenciar o que a Ilha nos proporciona”.

Por isso resgatar a cultura açoriana e incorporá-la em seu dia a dia também é um dos seus prazeres. Ela conta que cresceu passando aos fins de semana no Ribeirão da Ilha, onde seu avô, o historiador Nereu do Valle Pereira, figura conhecida da cidade, sempre morou. “Há um ano

me mudei para Vargem Grande, no Norte da Ilha, mas a gente lá muito para o Ribeirão. A minha infância inteira foi lá. Inclusive, estive lá nesse fim de semana”, conta.

A proximidade com a memória de Florianópolis também vem pelo pai, o historiador Francisco do Valle Pereira. Maria Eduarda diz que busca reforçar as raízes para realmente mostrar tudo o que eles a ensinaram durante a vida inteira, que foi valorizar todas as nossas crenças populares.

Ela é católica e não abre mão de consultar uma benzedeira para espantar os males. “Se precisar de alguma coisa ainda recorro à cultura popular”, diz. Como gosta de ir à missa, também está ansiosa para a procissão do Senhor dos Passos, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil desde 2019, que chega à sua 257ª edição em Florianópolis neste ano. “Todo ano, também, gosto de ir à procissão, que é mais uma cultura religiosa aqui na nossa Ilha, que é de grande proporção. É uma fé e uma devoção admirável de se ver”, destaca.

Resgatar a história e traçar seu próprio caminho

Ao lado do noivo João Farias de Souza, de 32 anos, e da cachorrinha Panda, 4 anos, Maria Eduarda saiu do bairro Itacorubi e se mudou para o Norte da Ilha. Ela conta que está finalizando a tese de doutorado na UFSC e, nos últimos meses, raramente precisou ir à universidade. “O que é bom por causa do trânsito”, comenta. O noivo trabalha em home office, o que ajuda a ter uma rotina menos estressante com o movimento da Ilha.

Ela costuma visitar o avô Nereu do Valle Pereira, escritor e professor de 94 anos, que se mudou do Ribeirão da Ilha após a pandemia de Covid-19 para o Centro da Capital. “Ele é muito lúcido e gosta de conversar”, diz a neta. “Conversar com o vó é trocar história, né? A gente está sempre, sempre em contato. Ele realmente sabe de tudo que eu faço e acho que ele tem bastante orgulho do caminho que não só os filhos tomaram, mas também os netos”, comenta. Com 14 netos, apenas uma se tornou historiadora, mas Maria Eduarda garante que todos seguiram outras áreas que mantêm muito forte o retorno à cultura.

Transitar em diferentes culturas

A historiadora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Cristina Scheibe Wolff, destaca que apesar da cultura açoriana ser muito forte, Florianópolis é formada por pessoas de diferentes origens. “Muito do que se fala do manezinho está associado à colonização açoriana, que chegou no século 18, um grupo que na época era grande, mas hoje tem muita gente de origem indígena, do Norte, do Nordeste, de qualquer lugar do Brasil”, explica.

Algo que a historiadora aponta é que não mencionar as demais culturas faz parte de uma tentativa de embranquecimento da memória da cidade e do Estado. Além disso, fizeram parte da colonização os imigrantes da África, que se relacionaram com os caboclos que vieram de São Paulo e Rio Grande do Sul. “As pessoas se orgulham de serem manezinhas, mas não podemos naturalizar que só a cultura açoriana importa para não cair em uma postura xenofóbica”, completa Cristina.

A manezinha Maria Eduarda conta que também é imersa em outras culturas por meio do Carnaval de Florianópolis, onde desfilar há oito anos. “Sou integrante de uma bateria de escola de samba do Carnaval de Florianópolis. Então, tenho contato com toda a questão da cultura afro, da cultura negra, que é a majoritária nas escolas de samba. Tenho muito orgulho de ser uma jovem inserida nesse meio”, destaca a doutoranda em ciência de alimentos.

Mesmo que a cultura do Carnaval da Ilha seja menos conhecida quando comparada ao eixo Rio-São Paulo, a estudante afirma que se sente realizada por trazer temas extremamente importantes para a avenida. Em 2023, ela desfilou na Protegidos da Princesa, da comunidade do Morro do Mocotó, com enredo sobre enfrentamento social e cultural, que resgatou movimentos históricos de lutas do país, como o combate à Ditadura Militar, de 1964. “Justamente essa miscigenação que faz a gente gostar cada vez mais de ser manezinho, de ter todos os tipos de cultura e poder transitar entre elas”, completa.

Notícias do Dia

Floripa 350 & NDTV - Um abraço na cidade

“Ilha tem 5.000 anos de histórias e mistérios”

Ilha tem 5.000 anos de histórias e mistérios / Grupo Floripa Arqueológica / MARquE / Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral / Leia / Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia / Lucas Reis Bueno / Departamento de História / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



20 quinta-feira, 23 de março de 2023

Editora: Marcela Ximenes - marcelaximenes@ndmais.com.br ND

Registro do modo de vida das populações pré-coloniais

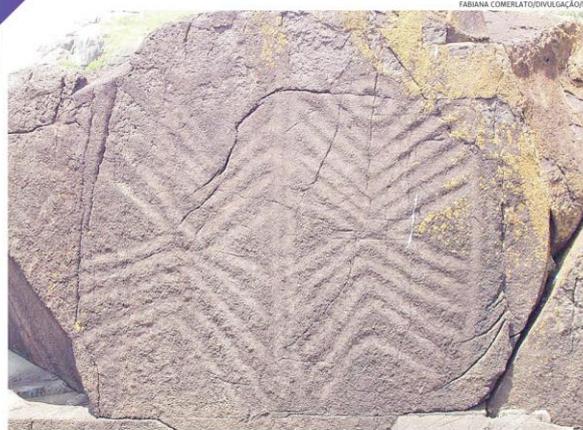
Esses depósitos de conchas, vestígios ósseos de animais, artefatos líticos e, em alguns casos, restos de ossos humanos ajudam os arqueólogos a conhecer o modo de vida, os hábitos alimentares e práticas cotidianas de populações pré-coloniais. Entre os cerca de 100 sambaquis registrados por pesquisadores na Grande Florianópolis está o do Alto Ribeirão, perto de um rio e num local conhecido pelos moradores como Caminho da Volta. Ali, o padre João Alfredo Rohr descobriu restos de ossadas humanas, mas a instalação de postes de energia a abertura de uma estrada fizeram praticamente desaparecer os vestígios originais.

No Canto da Lagoa, há sítios conchíferos datados de até 1.600 anos atrás. Uma unidade bem preservada está no Canto dos Araçás, na Lagoa da Conceição, a cerca de 60 metros do espelho d'água. Essa é uma curiosidade citada pelo arqueólogo Lucas Bueno: há cerca de 5.500 anos, a atual Ilha de Santa Catarina era um arquipélago formado por três ilhas separadas que depois se juntaram, graças ao recuo do nível do mar.

Os sítios conchíferos são a modalidade mais comum de remanescentes dos antigos moradores da região. Um deles está no Rio Vermelho, próximo à lagoa, e como tantos outros fica dentro de uma propriedade privada.

As oficinas líticas, locais onde eram produzidos artefatos por lascamento, são muito comuns na ilha e arredores, geralmente junto a costões. Elas podem ser encontradas nos Ingleses, Lagoinha do Leste, Barra da Lagoa, Matadeiro, Naufragados, Caiçanga, Galheta, Pântano do Sul e Ponta das Canas, entre outros lugares.

As inscrições rupestres aparecem com destaque nas ilhas do Arvoredo e Moleques do Sul e em balneários como Santinho, Ingleses e Ponta das Canas.



Inscrição rupestre na praia do Campeche, no Sul da Ilha; figura é conhecida como máscara

Ilha tem 5.000 anos de histórias e mistérios

Praias, florestas e encostas registram períodos milenares que ainda estão sendo descobertos por pesquisadores

Paulo Clóvis Schmitz
Especial para o ND

Quando as pessoas andam pelas ruas e praças, acampam ou fazem trilhas no interior da Ilha de Santa Catarina podem não se dar conta de que estão pisando na história de Florianópolis. A cidade está comemorando seu 350º aniversário, mas para além dos documentos escritos, leis e decisões de autoridades está o passado não documentado, ou registrado por restos de machados de pedra, conchas ou peças de cerâmica indígena que não fazem parte dos objetos de estudo da historiografia convencional.

Bem antes dos navegadores, colonizadores pioneiros, piratas, corsários e contrabandistas, e antes ainda dos bandeirantes e dos casais açorianos que mudaram a história local, a região da capital catarinense era habitada por tribos que plantavam, iam à caça e à pesca, tinham seus rituais de festa e luto, lutavam com grupos rivais e aproveitavam a generosidade do solo e da natureza para garantir

os meios de subsistência. Os arqueólogos falam que há 5.000 anos, com base em boas evidências, já existia gente se locomovendo na Ilha e nos amplos espaços do Continente. É desse tempo o mais antigo registro coletado por arqueólogos que desde o século 19 escavam sambaquis e identificam oficinas líticas e inscrições rupestres na região. Durante mais de quatro milênios, esses povos não foram importunados por forasteiros e exploradores.

Existem pelo menos 220 sítios arqueológicos catalogados, em lugares como Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Ingleses, Santinho, Rio Tavares, Barra da Lagoa, Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha, Joaquina, Carianos, Ratones e Ponta do Sambaqui. Uma boa maneira de conhecer o legado dos moradores ancestrais de Florianópolis e do litoral catarinense é visitar o site do grupo Floripa Arqueológica, criado em 2014, e vinculado ao MARquE (Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC Oswaldo Rodrigues Cabral). Ali, a



Oficina lítica de polimento na praia da Armação do Pântano do Sul

equipe do Leia (Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia) mantém e divulga informações coletadas e registradas por pesquisadores do porte de padre João Alfredo Rohr, o grande arqueólogo cujo acervo está no Museu do Homem do Sambaqui, no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Sítios sumiram com a construção de casas e estradas

O professor Lucas Reis Bueno, arqueólogo do Departamento de História da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e diretor do MARquE, sonha com o dia em que os gestores públicos vão levar em conta os vestígios do passado antes de abrir estradas, construir viadutos e autorizar empreendimentos imobiliários na Capital. “Temos muito a aprender com os povos antigos, e é possível crescer sem destruir, mesclando desenvolvimento e história”, afirma.

Nos últimos anos, a equipe do Leia recadastrou e sistematizou os dados existentes, utilizando livros e documentos e voltando aos sítios visitados pelo austríaco Charles Wiener, no final do século 19, e depois por Anamária Beck, Teresa Fossari, Gerusa Duarte e pelo padre Rohr, entre tantos outros, incluindo estudantes universitários que fizeram pesquisas e escreveram dissertações e teses sobre o tema.

O trabalho dos arqueólogos e alunos é complexo porque nem todos os sítios registrados por antigos pesquisadores são visíveis ou resistiram à expansão urbana da Ilha. “Muitas casas e ruas foram feitas em cima dos nossos sambaquis”, diz o professor Lucas Bueno.

Floripa 350 & NDTV - Um abraço na cidade

“Os ciclos e mudanças que fizeram Florianópolis ser o que é hoje”
Os ciclos e mudanças que fizeram Florianópolis ser o que é hoje / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina



A antiga Desterro, povoada inicialmente em 1673, experimentou diversas transformações ao longo dos séculos, que contribuíram para a evolução cultural, econômica e política da capital catarinense

Paulo Clóvis Schmitz
Especial para o ND

De 1673, quando o bandeirante Francisco Dias Velho deu início à povoação original, até 2023, ano de seu 350º aniversário, já na condição de um dos melhores lugares para viver no Brasil, Florianópolis (que nem sempre teve este nome) experimentou mudanças e transformações cuja enumeração e detalhamento não caberiam num livro – e menos ainda numa reportagem de jornal. No entanto, da coleta de raízes e da caça rudimentar feita com zarabatanas ao modelo atual, dominado pela economia criativa, por empresas de tecnologia, gastronomia de ponta e polos de moda e design, o processo seguiu um fluxo contínuo de avanços, adequações e adaptações que tornaram a capital catarinense uma cidade única, diferenciada.

Os índios carijós, da nação guarani, os navegantes que abandonaram as embarcações para se fixar na terra e alguns portugueses que introduziram a criação de gado – esses foram, nas primeiras décadas após a fundação da póvoa por Dias Velho, os agentes que movimentaram a precária economia local no final do século 17. O cultivo da mandioca, uma herança dos povos nativos, desde cedo arremeteu mão de obra e trouxe recursos, concorrendo com o plantio do milho e do feijão e com a pesca, que era sal-

gada antes da exportação, e mais tarde com o charque, também enviado para outros Estados e até para Portugal.

EXPORTAÇÃO

No mais, era uma economia de subsistência, muito baseada na coleta, na caça de animais (pacas e cotias, por exemplo), aves e na produção de cestos, esteiras e cordas a partir de cipós e fibras vegetais. A entrada do século 18 pouco acrescentou a esse cenário, mas cresceu a produção e exportação de couro e farinha de mandioca, componente da base alimentar em várias regiões do Brasil.

Foi nesse período que o elemento escravo se agregou à força de trabalho local, ajudando a potencializar as atividades tradicionais e a produção de açúcar e aguardente, couro, charque e a caça e beneficiamento do óleo de baleia – evidências das armações baleeiras que se multiplicaram no litoral catarinense.

A Ilha ficava na rota marítima que ligava o Rio de Janeiro (e a própria Europa) ao Sul do Brasil e ao rio da Prata. A construção das fortalezas para a defesa do território, na década de 1740, juntou-se a esses fatores que em pouco tempo transformaram radicalmente o cenário conhecido até então. A chegada dos açorianos, a partir de 1748, foi o grande marco que mudou o perfil humano e econômico da Ilha e arredores.



Antigo Trapiche Miramar, em 1926, antes da sua reforma. Ao fundo, a recém-construída ponte Hercílio Luz

Os acontecimentos da virada do século 18 que sacudiram a Ilha

A invasão espanhola de 1777 ensejou temores e mexeu com o ânimo dos moradores da Ilha, e muitos deles fugiram para vilas do Continente e do litoral do Estado. No entanto, quem permaneceu acabou ajudando no incremento da agricultura, da pecuária, da pesca, do comércio e até da indústria naval, graças ao porto e à facilidade de obter madeira na região.

Com a virada do século, a capitania foi sacudida, indiretamente, por acontecimentos relevantes para a colônia, como a vida da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, e a Independência, em 1822. Na década seguinte (1835) foi criada a província de Santa Catarina.

Do ponto de vista econômico, as emigrações – alemã e italiana, especialmente – geraram um desenvolvimento sem precedentes em Santa Catarina. Eventos como o estabelecimento de novos imigrantes na Ilha, a guerra do Paraguai (1864–1870) e a abolição da escravatura tiveram fortes impactos locais. A urbanização e a construção de estradas, pontes e edifícios públicos mostraram que também na Ilha o ar dos novos tempos começava a chegar.

Um segmento inserido no mercado global

Na década de 1970, a Capital passou por um período de crescimento acelerado, com o surgimento de novos bairros e a expansão da atividade turística, uma vocação que a cidade descobriu ainda nos anos 50 e que foi aos poucos desenvolvendo, ainda que de forma desordenada.

Seguiu-se um fortalecimento da indústria de tecnologia da informação. Ao lado do turismo e dos serviços, a

tecnologia é uma área-chave para a economia da Capital. Hoje, a cidade é um importante polo de tecnologia no Brasil, com empresas inseridas no mercado global. “Florianópolis é a cidade com maior quantidade de doutores em relação ao número de habitantes no país, lidera no volume de startups e tem 5.000 empresas de tecnologia, a maioria aberta por egressos das universidades”, diz o professor Neri dos Santos.



A norte do antigo Mercado Público, na década de 1920

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Anda no Senado a tramitação do PL que inclui o reconhecimento de atributos de representação em certificado digital à MP 2.200-2/01](#)

[Brasil em Redes: 23 de março é aniversário de Florianópolis \(SC\)](#)

[Cenário de água potável e saneamento é complexo em SC, avalia especialista](#)

[Como a preservação ambiental influencia na qualidade de vida de quem vive em Florianópolis](#)

[Ebserh contrata médicos para sete hospitais universitários federais e paga salário de R\\$ 10 mil](#)

[Ebserh recebe inscrições para sete processos seletivos para médicos](#)

[Estudantes de Lages são finalistas na Feira Brasileira de Ciência e Engenharia](#)

[Fenajud e Sindicatos vivem experiência social em Curso de Formação da RENAF](#)

[Florianópolis: um lugar com cinco mil anos de história](#)

[Manezinho 'Seu Aldo' conta como prato típico da culinária de Florianópolis marcou sua vida](#)

[Maria Eduarda do Vale Pereira, de 32 anos, revela proximidade com a memória de Florianópolis e cultiva os costumes da Ilha, além de novas tradições](#)

[Medicina da UFSC em Curitiba segue com previsão para agosto](#)

[Olhando para trás: a importância do passado no progresso de Florianópolis](#)

[Prefeito inaugura o novo CEI em Potecas](#)

[Professora da rede usa paixão pelo censo para ensinar cidadania aos alunos de bairro de Curitiba](#)

[Roda de conversa na ABI celebra os 474 anos de Salvador](#)

[Sesc lança o Biblioteca Inquieta para dar voz às mulheres na literatura](#)

[UFSC Blumenau planeja lançar cursos nas áreas de Saúde e Ciências Sociais](#)

[V Círculo Formativo aborda o tema 30 anos do Instituto Movimento Operário](#)